

Nota editorial

Da conjuntura corporal e do ambiente obesogénico, relaxado e indolente

Jorge Bento

1. Tanto por boas como por más razões, as condições de vida impõem-nos uma *conjuntura corporal*, ou seja, uma renovação das atenções dedicadas ao corpo e ao seu carácter instrumental. De resto sempre assim foi; a nossa vida e a nossa identidade sempre foram corpóreas, o corpo sempre foi uma *anatomia do nosso destino*. Mas talvez esta circunstância surja agora muito mais evidente do que noutras eras. Merleau-Ponty, entre outros pensadores existencia-listas, tinha alertado para isso nos anos 60 do século passado, negando a consciência como pura espontaneidade desencarnada e soberana no tocante à doação de significados e afirmando a sua encarnação num *corpo cognoscitivo e reflexivo*, dotado de interioridade e sentido e capaz de se relacionar com as coisas como corpos sensíveis que são. Com isso Merleau-Ponty retira o corpo da coisificação e institui-o em sede de símbolos e significados, porque ele é não num mundo natural, mas sim num universo cultural e axiológico. É um artefacto sócio-cultural; está para além do *protocorpo* natural e biológico. E assim incorpora o sentido estruturante da existência humana e da qualidade de vida imanente. Isto é, a vida é uma performance corporal, nós somos o nosso corpo, ele é medida e expressão do nosso ser; ambos os lados estão interrelacionados.¹

Nos nossos dias, Michel Serres assinala que a aparência e a essência saem de uma mesma fonte e nada é tão profundo e abrangente como a cosmética que aplicamos na nossa pele ou como a forma da nossa apresentação e acção. Na superfície da nossa pele e comportamento torna-se visível a invisível mas verdadeira identidade, mostram-se a sensibilidade e consciência, as inclinações e tendências, as orientações e sentimentos que temos e aqueles que nos fal-

tam. A fachada corporal e comportamental revela a nossa autêntica identidade e sensibilidade, o modo de pensarmos, idealizarmos e julgarmos.² O mesmo é dizer que, na superfície e visibilidade das nossas atitudes, hábitos e rotinas, das nossas acções e reacções, aflora pouco a pouco, traço a traço aquilo que somos e, muitas vezes, queremos iludir.

Goethe já havia sugerido o mesmo ao afirmar que atrás do visível não há nada; no visível e na superfície é que está tudo. Que há uma relação íntima entre a obscuridade das nossas entranhas e a nossa visibilidade; que as primeiras não são mais importantes do que aquilo que é visível no corpo. A metamorfose e o crescimento terão forças próprias, mas são manifestas à superfície.

Também Carlos Drummond de Andrade navegou nas mesmas águas com esta exclamação: *Salve, meu corpo, minha estrutura de viver / e de cumprir os ritos do existir!*³ Esta função do corpo é bem evidenciada pelos obesos, mostrando de modo dramático que a *obesidade* é uma *doença sinistra*, porquanto as suas implicações vão além do plano estritamente biológico. Como se sabe, pertencemos à sociedade da imagem e aparência e vivemos numa época em que a beleza, juventude, perfeição e aptidão corporais são ambições generalizadas e são definidas por um aspecto padronizado pelo culto da magreza. Ora a obesidade não se inscreve nesta matriz, nem é fácil de esconder ou disfarçar. Altera a imagem dos atingidos e causa marginalidade, com incidências negativas no plano psicológico, afectivo e social. Mais ainda, torna-se um estigma que aponta os obesos como pessoas fracas e indolentes, desprovidas de vontade e capacidade de controlo. Isto é, num tempo em que a conjuntura corporal é sobremaneira marcada pela estética e

pelo culto da imagem, não é fácil aos obesos resistir aos olhares dos outros. A doença torna-se a nova identidade e a única companhia; isolam-se e evitam o contacto com as pessoas. Como resultado surge o desencanto em relação à vida.

2. A actual *conjuntura corporal* tem razões e expressões diferentes das de outras épocas. À medida que a civilização desenvolve a ciência e cria tecnologia, torna-se possível substituir o gado humano por máquinas. E quanto mais estas se aperfeiçoam e generalizam, mais aumenta a dimensão mental e intelectual das distintas actividades, o que redundava em *afisicidade*, em inactividade física e na desconsideração do corpo na maior parte das tarefas laborais e mesmo das acções quotidianas.⁴

Daqui resultam consequências iniludíveis para os estilos e formas de vida, para a saúde, para a civilização, para a condição humana e para a identidade das pessoas e até da nossa espécie.

Esta é uma evolução objectiva, que apresenta motivos óbvios tanto para justificado contentamento como para reflexões ponderosas. Entre estas merece particular atenção o facto de estarmos a caminhar em todo o mundo em direcção à obesidade. Ela atinge não só os adultos e idosos, mas penetra cada vez mais na população infantil, afectando já muitos milhões de crianças com menos de 5 anos de idade. O *ambiente obesogénico*, o relaxamento, a indolência e a preguiça alastram por toda a parte, constituindo uma séria ameaça tanto para a saúde como sobretudo para a realização de valores educativos e sociais. A gravidade do problema encaminha para a activação desportiva, como se esta fosse uma *tábua de salvação*, uma *prótese* para uma infinidade de insuficiências e deficiências que nos limitam e apoucam. Uma réstia de esperança! Para o corpo que temos e somos, “sem cuja satisfação – lembra Fernando Savater – não há bem-estar nem bem viver que resistam”.⁵ O mesmo é dizer que a aptidão desportiva e a condição corporal cumprem uma função instrumental; ‘condicionam’, prestam serviços e constituem pressuposto para a qualificação das restantes dimensões ou ‘condições’ da pessoa. O que é sobejamente ilustrado no caso dos idosos; é neles que melhor se vê como, na nossa sociedade da concorrência e rendimento, a ‘condição física’ serve as outras condições, como

cumprir uma relevante função humanista, contribuindo para que a pessoa não morra antes do tempo no conceito de quem a rodeia.

3. A inactividade corporal e mental, hoje reinante, convida portanto a aumentar e melhorar o índice do desempenho corporal e da condição física das pessoas. Essencialmente porque o *ambiente obesogénico* não pode ser subestimado; ao invés, exige que olhe-mos através e para além dele. A situação é tão alarmante que já há mais indivíduos com excesso de peso do que com fome. Ou seja, aquilo que uns comem a mais e lhes é inteiramente prejudicial dava e sobrava para matar a fome no mundo, se houvesse suficiente sensibilidade e decência. Mas não há, nem se descortina que elas possam surgir.

Fazendo fé no que atrás ficou exposto e na constatação de Fernando Pessoa, de que o corpo é a pessoa de fora que dá a imagem da pessoa de dentro, vivemos num mundo anafado e afogado em obesidade e adiposidade, em gordura e banha, em sebo e unto, em relaxamento, desídia, preguiça e indolência. Isto é, o *ambiente obesogénico* afecta em igual medida por fora e por dentro; configura não apenas a fachada corporal, mas repercute-se de maneira indelével nos sentimentos, desejos e atitudes, nas posturas, comportamentos e expressões, nos olhos, no coração e na alma. Por isso o mundo exala cada vez mais um cheiro nauseabundo, tornando-se insuportável para viver. Ora é neste mundo que crescem as crianças e jovens. É mesmo assim que os queremos educar? É nesse mundo e ambiente relaxados, ditados pela *‘razão’ indolente* que devem crescer?

Para combater este panorama não se aconselha uma *deriva* de natureza *higienista* ou *sanitária*, por mais aliantes, encantatórios e refulgentes que pareçam os propósitos. Não precisamos de abandonar a matriz antropológica e axiológica que o desporto encerra. Do que carecemos é de mais labor pedagógico e não tanto de *‘ativismo físico’*, de mais moral em acção e não tanto de fisiologia, de mais reflexão filosófica e não tanto de prescrições médicas.

Nesta nossa era de crescente *afisicidade*, de *ética indolor* e de *crepúsculo do dever* – tão bem assinaladas por Hannah Arendt⁶ e Lipovetsky⁷ – agudiza-se a necessidade de cultivar qualidades, princípios e atitudes que, sendo centrais na condição de rendimento desportivo

e corporal, são marcas fundamentais do carácter e do modelo de pessoa que tanto enalteçemos e valorizamos. A partir do momento em que os humanos, por terem comido a saborosa maçã ou terem aberto a Caixa de Pandora e terem assim espalhado no mundo os ventos e sementes da desgraça, foram expulsos do paraíso e se viram condenados a comer o pão ganho com o suor do rosto, a civilização e a cultura ocidentais instituíram um modelo de Homem e de vida, inteira e fidedignamente configurado no desporto e nas exigências e ideais que ele comporta. Assim, enquanto não renunciarmos ao modelo de Homem que tem guiado a civilização, desde o início até aos nossos dias, o desporto continuará a ser um investimento no progresso corporal, gestual e comportamental das pessoas. Ele desafia-nos a tomarmos a gnose e a técnica, a ética e a estética dos nossos actos como pontes para a liberdade. Porque nós somos livres não pela boca falante, mas sim pela mistura que o corpo sabe realizar com os sentidos, ou seja, pelo saber, pelo querer e fazer consequentes e não pelo crer e dizer negligentes. Somos livres pela palavra convincente e pela acção correspondente. Por fazermos convergir o eixo da visão e o eixo das coisas e acções.

No desporto participamos na construção de pessoas e identidades cujo Ego é sempre um *espírito incarnado*, uma *tatuagem corpórea* da alma. Ocupamo-nos da apropriação e irradiação de mitos, símbolos e ideais através de desempenhos corporais. Da instalação em conceitos e preceitos, deveres e obrigações, ilusões e utopias. Da adesão a uma cultura de metas e compromissos, de dificuldades e desafios, de hábitos e rotinas de trabalho para lá chegar. E assim procuramos anular as fronteiras entre a alma e o mundo exterior; lavramos no esforço severo, incansável e sistemático de projectar a nossa natureza, nomeadamente o corpo, contra si própria, para além e acima de si mesma, convidando-a a não se dar por satisfeita com o seu estatuto, a suplantar-se e a chegar-se a níveis para os quais não se apresenta como particularmente predestinada. Por isso renunciar ou afrouxar na observância dos seus princípios e valores equivale a empobrecer os cidadãos nas dimensões técnicas e motoras, éticas e estéticas, cívicas e morais e a favorecer a proliferação do laxismo e relativismo, do clima relaxado e indolente.⁸

Em suma, o sedentarismo, a inactividade física e as suas sequelas combatem-se não com um qualquer *activismo higienista* que se esgota em si mesmo, mas sim com uma actividade chamada ‘desporto’ que, por ter matriz cultural, agrega uma panóplia de valores.

4. Fernando Savater convida a situar na escola “o campo de batalha oportuno para prevenir males que mais tarde serão muito difíceis de erradicar.” A sociedade “deve reclamar a iniciativa e converter a escola em ‘tema de moda’ quando chega a hora de executar programas colectivos de futuro... Caso contrário, ninguém poderá queixar-se e apenas lhe resta resignar-se ao pior ou falar no vazio.”⁹ Também neste caso da inactividade, do *ambiente obesogénico*, relaxado e indolente, da *ética indolor*, do *crepúsculo do dever* e do *eclipse da vontade* é preciso situar na escola a principal frente de batalha, embora convidando a participar nela outros sectores. Ao desporto pertence um papel cimeiro neste empreendimento, tendo em atenção que os actos desportivos somente são físicos na aparência; na sua essência são sempre decisões e exercícios da vontade. Ademais nele não se faz o que se quer, mas quer-se o que se faz.

¹ Merleau-Ponty (1964): *Fenomenologie de la Perception*. Paris: Gallimard.

² Serres, Michel (2001): *OS CINCO sentidos – Filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

³ de Andrade, Carlos Drummond (1996): *FAREWELL*. Rio de Janeiro: Record.

⁴ de Masi, Domenico (2000): *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda.

⁵ Savater, Fernando (1991): *ÉTICA PARA UM JOVEM*. Editorial Presença, Lisboa.

⁶ Arendt, Hannah (2001): *A CONDIÇÃO HUMANA*. Relógio D’Água Editores, Lisboa.

⁷ Lipovetsky, Gilles (1994): *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.

⁸ A renúncia às exigências do desporto ajuda ainda a minar o pilar da emancipação dos indivíduos, constituído por três lógicas ou linhas de autonomia racional, particularmente notórias e centrais na prática desportiva, a saber: a racionalidade expressiva das artes, a racionalidade cognitiva e instrumental da ciência e da técnica e a racionalidade prática da ética e do direito. (Boaventura dos Santos: *Crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. Cortez Editores, São Paulo, 2000).

⁹ Savater, Fernando (1997): *O VALOR DE EDUCAR*. Editorial Presença, Lisboa.